

O que foi feito

pesquisa: OBI

Revoluções do século 20 revê as experiências soviética, chinesa e cubana. Ao final da leitura, permanece a grande questão lançada por Lênin (acima): o que fazer?

Gilberto Tedéia

Depois que o bonde da revolução passou, resta a pergunta: o que os erros do passado ensinam aos interessados em mudar os atuais regimes capitalistas? Eis o horizonte dos três primeiros livros da *Coleção Revoluções do Século 20*, organizada pela historiadora Emília Viotti e editada pela Unesp.

Referentes à Revolução Russa, à Revolução Chinesa e à Revolução Cubana, os volumes abrangem em seu conjunto um grande universo de soluções criativas, mas também de ilusões que sustentaram e moveram a ação dos que negaram o capitalismo. O rigor dos especialistas evita a parcialidade de um ponto de vista político, pois abrangem com objetividade os pontos fortes e os pontos fracos dos movimentos que são seu tema. Apoiados em ampla bibliografia especializada, os livros têm o perfil de manuais introdutórios, sem margens para querelas partidárias, comuns entre os partidários dessas revoluções, ou para as simplificações que os defensores do *status quo* costumam divulgar como versão oficial. As narrativas históricas ligam as soluções particulares de cada um dos três países às conjunturas locais e mesmo

aos ciclos históricos seculares de cada nação, mostrando por que ali, e não em outros lugares, ocorreram as revoluções. Esse fio conjuntural e histórico só é rompido quando o “inimigo” ameaça o território nacional. Nos livros se reconstruem, didaticamente, os antecedentes históricos, pontos altos, obstáculos e heranças contemporâneas dos três processos, acompanhando-se caso a caso a implantação de regimes políticos e instituições estatais que buscaram solucionar o desequilíbrio vigente sob o capitalismo.

Avanços e recuos Para refazer esse percurso, que chega até fins de 2002, os autores reconstituem o processo de instauração da nova forma social e política, retomando a resistência e os confrontos

com o *status quo* hegemônico em cada um dos três países e checando, a cada passo, avanços e recuos na instauração de uma sociedade alternativa. Na exposição da situação política e social de cada processo revo-

lucionário, os autores se diferenciam pelo peso que conferem às determinantes internas e externas da nova ordem econômica e pelo enfoque a respeito das formas de mobilização coletiva e controle social inseridas nas novas instituições políticas.

O caráter de manual introdutório dos livros não deixa de lado o exame amplo da história dos três países. O arco histórico-social se estende do principado moscovita do século 17 à era Putin; das dinastias chinesas pré-cristãs à nova China como potência econômica mundial; das lutas pela independência em Cuba nos tempos dos líderes do século 19 Céspedes e Martí aos desafios para a sociedade cubana na era pós-soviética. Interessa aos autores sustentar com dados e compara-

ções não apenas o que motivou de imediato essas revoluções em foco, mas o modo como elas foram se produzindo ao longo do tempo, os principais lances para a sua instauração e manutenção, os confrontos, a re-

COLEÇÃO REVOLUÇÕES DO SÉCULO 20

São Paulo, Unesp, 2004

As Revoluções Russas e o Socialismo

Daniel Aarão Reis Filho

A Revolução Chinesa
Wladimir Pomar

A Revolução Cubana
Luís Fernando Ayerbe

sistência oposta pelos poderes antes constituídos, os acertos e derrotas de suas várias lideranças ou facções, os avanços e recuos militares, a ascensão e queda de tendências políticas, a conquista da hegemonia após a derrubada da ordem anterior; a unilateralidade (ou miopia) de algumas opções políticas, as grandes mobilizações sociais, a lenta (e sempre presente, nas três revoluções) expropriação dos camponeses pelo processo de acumulação de capital industrial; os expurgos, congressos, novas diretrizes e autocríticas; o impacto da terceira revolução industrial, a crônica dependência ante o capital financeiro, as guerras, os boicotes e bloqueios impostos pelos países capitalistas, as crises armamentistas e a ascensão do neoliberalismo.

A par dessa extensa reconstituição, os três textos têm como preocupações comuns a questão camponesa em sociedades periféricas que se industrializaram a passos largos, o estatuto da liderança revolucionária e o estado de coisas atual, sob a hegemonia da chamada sociedade de mercado. Cabe ao leitor concluir até que ponto chegaram as três revoluções e qual o seu alcance em um mundo regido por patamares de produtividade, busca do lucro, achatamento salarial e disciplinarização da força de trabalho – desmanche soviético, beco cubano, capitalismo chinês?

Quatro revoluções O livro de Daniel Aarão sobre a Revolução Russa inicia seu percurso nos séculos que antecedem a consolidação da Grande Rússia, que no século 19 chegou a ser o alicerce de sustentação do Exército da Santa Aliança surgida em reação à Revolução Francesa de 1789. O segundo capítulo surpreende ao tratar de *quatro revoluções russas*: a de 1895, as de fevereiro e outubro de 1917 e a de 1921 (na qual o episódio da rebelião antibolchevique de Kronstadt é terreno fértil para embates da historiografia antimarxista). Os demais capítulos apresentam a consolidação do sistema soviético e seu desmanche, com a imersão da Rússia na sociedade de mercado, suas crises e o legado do processo de “modernização alternativa” socialista.



Mao na praça da Paz Celestial, em outubro de 1949: o livro de Pomar dá a impressão de que a China é o lugar em que o mercado funciona em sua plenitude

Sobre esse legado, o autor lembra as palavras do historiador Eric Hobsbawm, para quem, por menos “generoso” que o socialismo soviético tenha sido aos seus filhos (ponto negativo), foi o medo da revolução e dos *vermelhos* que impulsionou o Estado de bem-estar social mundo afora (ponto positivo).

O livro de Vladimir Pomar aborda a Revolução Chinesa a partir de âmbitos distintos do processo revolucionário: os âmbitos militar, social, econômico, político e (de modo menos profundo) cultural, sem nunca perder de vista a questão camponesa. O modo como Pomar ordena os fatos e lida com o discurso oficial, apoiando-se sempre em estatísticas econômicas, faz com que o livro legitime e avalize o “acerto de rumo” das decisões tomadas pelo Partido Comunista. Com uma perspectiva que se apóia nas estratégias implantadas como meta pelo PCC e reforçada por dados institucionais, o autor descreve as diretrizes políticas e avaliações econômicas oficiais, sobretudo as da era pós-Mao, como se fosse possível abordá-las de modo “neutro”. Um

exemplo, entre muitos: a fome crônica e a escassez de recursos, segundo Pomar, levaram à ampliação da circulação de capitais privados e mercadorias na economia chinesa. A direção política *delibera* que o fato de o mercado preceder historicamente o capitalismo o torna algo “não-capitalista” e, portanto, digno de ser preservado. Logo, conclui-se: vamos aos negócios. Por essas e outras, o leitor tem a impressão, ao terminar o livro, de que a China é, ao fim das contas, o lugar em que o mercado funciona em sua plenitude – em meio a uma forma social administrada pelo partido único, adequada à extração da mais-valia, extração *explicitada* pelo PCC como estando a serviço da resistência ou sobrevivência do proletariado como classe dominante formalmente representada pelas instâncias políticas.

O texto de Luís Ayerbe sobre Cuba mostra o quanto a questão cubana está entrelaçada, desde antes da independência, com as pretensões imperialistas dos EUA na região. A Revolução Cubana de 1959 aparece como foco de uma resistência que é forma-

da não por burocracias endinheiradas, mas por um povo permanentemente mobilizado em comitês, comissões de execução e instâncias decisórias. Nem por isso Cuba pode ser uma democracia ateniense, pois há uma ameaça constante que empurra a sociedade numa situação de guerra – a maior potência militar do planeta está a uma distância menor que a de Recife a Maceió, a mostrar os dentes mais e mais violentamente desde os anos 1960, até a doutrina Bush.

Linha divisória Sabe-se que, na periferia do capitalismo, todas as vezes que se esboçou a mais remota tentativa de socialização dos meios de produção, os interesses do “mercado” justificaram violentos golpes de Estado contra governos eleitos pela maioria, quando não o assassinato de lideranças políticas. Nas sociedades retratadas pela coleção, a situação não se mostra diferente: o monopólio de poder pelo Partido Comunista é a linha divisória que garante a continuidade da Revolução, e a história desses PCs serve como eixo da narrativa histórica. De Lênin, Guevara, Trotsky a Fidel, Mao ou Stálin, há um *sujeito*, o partido ou o líder, que se apresenta, às sociedades mobilizadas pela Revolução, com a pretensão de ser um sujeito autônomo ante os interesses e ameaças da “sociedade de mercado”.

Mas nem tudo se restringe ao partido único como fio organizador da sociedade. A pergunta sobre quem é a classe dominante cujos interesses devem ser preservados, posta nas sociedades capitalistas, transforma-se, em um contexto de mobilização social coletiva por metas econômicas que visam a resistência ou a manutenção da sociedade pós-Revolução, em uma subordinação tácita dessas sociedades ao capital, seja o capital estatal, seja o capital internacional.

Após a leitura, paira a dúvida sobre as potencialidades da Revolução, na medida em que verificamos, nos três exemplos concretos, que o resultado final oscila entre a sua destruição (Rússia) ou a sua dissolução numa espécie de capitalismo de Estado responsável pela *administração* dos vários setores da economia (Cuba e, com maior privatização, China). Tal oscilação no *avanço* dos processos revolucionários parece ser índice da *regressão* que lhes é inerente, quando assumem tanto a necessidade de um trabalhador submetido a metas produtivas quanto a inevitabilidade da exploração do trabalho para a transformação da estrutura produtiva e para a auto-suficiência industrial. Os textos, porém, não enfocam diretamente esses temas, limitando-se ao horizonte aberto pelas revoluções e ao que nelas se obteve.

Apenas o livro sobre Cuba retoma

vez ou outra, sobretudo com Guevara, categorias da crítica da economia política para dar conta de seu objeto, recorte que, se assumido, desaguaria no reconhecimento da manutenção, mesmo nos períodos mais “revolucionários”, das premissas capitalistas, como a expropriação da força produtiva do trabalho e a exploração do trabalhador reificado.

Ciclos históricos Um mérito indiscutível da coleção, sobretudo em Ayerbe, é o modo de organizar os dados e a apresentação de grandes ciclos históricos, não como uma fórmula pronta, mas como uma espécie de estruturação das passagens entre história, economia e crítica do processo de formação nacional pré-revolucionária, ou seja, da formação do povo, poder, cultura, produção industrial, universo camponês e instituições políticas.

Prolonguemos o legado retomado pelos autores com uma pergunta e uma constatação. A pergunta: ante tantas conquistas que levaram à satisfação de um patamar mínimo de necessidades sociais de contingentes populacionais diversos — que, de outro modo, estariam à míngua até hoje — por que a mobilização coletiva das sociedades em processo de transformação radical parece assustar os que tomam como natural (logo, como a única possível) a sociedade de mercado e seu “saco de maldades”, massacres e miséria sob a ordem capitalista? A constatação, quase uma certeza: importa à luta política o salto para além do mero desenvolvimentismo, sob pena de reduzir-se a revolução ao cárcere intramuros do capitalismo, ao invés da transformação radical das relações entre o trabalhador e as condições de trabalho (quem manda nele e o que se faz com o resultado de seu trabalho).

Enfim, são leituras com um valioso arsenal histórico para reconhecermos nas formas clássicas de mobilização das massas a triste marca de conjunturas e determinações socioeconômicas e históricas objetivamente superadas pela nova ordem capitalista. E a questão permanece: o que fazer? ■

Gilberto Tedéia é mestre em Filosofia pela USP e professor universitário.

Fidel conversa com jornalista americano antes de chegar ao poder: a questão cubana esteve sempre entrelaçada com as pretensões imperialistas dos EUA



Pesquisa ODI